

L u c a s A l v i m



Cantigas
Cotidianas

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Corj

REVISÃO
Lara Barbosa da Silveira

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A475C ALVIM, LUCAS. 1990-
CANTIGAS COTIDIANAS / LUCAS ALVIM. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

140 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-279-8

1. POESIA I. TÍTULO.

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1

Minhas andanças.

Há neste decreto sobre seus olhos, uma cortesã e constante consoante sombra amiga. Ela fica comigo, clima imutável, sem estado de alerta. Recomendaria que poupasse esforços. Não precisa questionar ou procurar extrair o feto deste texto. Ele é ele próprio.

Voltando aos detalhes, conversamos sem trocarmos olhares entre nós, apenas temos o tato de uma palma, a um palmo de distância. Conforme onde apalpo minha onisciente consciência de mim.

É fronteira da minha carne com minha pele me trás as substâncias dos espaços impossíveis.

Limbo encharcado de sombra impenetrável aos caminhos do sol. Cheia de sábias almas indizíveis que apenas concordam com o busto de sua sabedoria a razão qual detenho de tudo aquilo que me passa e trespassa. Sem delongas já redigidas, posso esticar dela uma bula. Posso mandá-la me entregar salvo-condutos para que eu faça

suas visitas além de minha atenção e minhas disposições: eu faço de sua consulta uma essencial bebida.

Durmo bem na sua porta, quarto fechado que nunca entro por inteiro, mas posso bisbilhotar pela fechadura, bater na porta e esperar que me responda. Além de sentir os ventos que passam por sua fresta.

Consulto sobre onde me lanço, me tranço, longos braços, minha barba, banda, cinema, café, corrimões e praça. Até irritá-la por minha devoção. Quando não me respondem, sinto alcançar em meu corpo um estrangulamento de minhas vértebras, que me persegue languidamente. Causando um eletrocutar de lágrimas não estouráveis, por mais que aperte com minhas unhas.

Mesmo assim sempre se mantém comigo. Na maior solidão ela pula no meu colo, pedindo carinho sem dizer nada. Posso ignorá-la ou não, ela não se importa.

2

Dentro mar estômago, um longo inverno dos currais das estradas. Corações destruídos e distraídos se confundem em certezas. Os panos não deixam de enfeitarem bailes. O líquido luz queima e corrói cárceres primitivos. As folhas de ácidos *entorpem* narizes. Acendem-se faróis negros da queima do café ou da procissão do vazio. O caos é inconfundível, possui passos confortáveis ao caminho. E todos somos cúmplices da falta de sentido.

Sou estio e meus olhos se remelam como os pastos. Prontos para se incendiarem a qualquer fagulha. Recuso a enxergar meus céus pela suas friezas. Viciado na procura, vibro cordas intestinais e sou uma víbora atrás de uma presa: Viva ou morta, estúpida ou sólida, nos dedos descrever de choques gelos, chão de tanta promessa morta e ossos guardados.

De meu intento, de meu relento tempo, visto colar de suas antenas. Estou com a carne sacrificada da certeza. Querendo plumas para minha asteca vaidade noturna. Não faltam solidões em um exército de unidades. No bater de asas de meia chuva, no joelhar de meio deserto. Aro a cidade com meus dentes. Arroto seus insetos.

Não perdoaria ninguém, não deixaria em pé um único tijolo. Sua terra precisa respirar fora das botas automóveis. A irrealidade abre novas portas. Tapete de um novo vermelho. Tenho o soco frio preso na garganta e preciso criar sua *despressurização*. Furo meu crânio e deixo respirar toda matéria que ensaiaste o sexo com ar e o amor com a premente loucura da vida.

3

Hoje não sei por que vivo, talvez não só hoje. Fico na profundidade de meus bolsos vazios, casaco que me tangencia do frio na cidade sem sois. Meus pés andam relógios marcando as mesmas horas, não me importaria se quebrassem. Retas e negras calças. Meus ombros se derubam ar de uma lenta chuva, me freando, pedindo para me esperar como se não chegasse a tempo ao coche. Me resguardo em templos lençóis, sempre me deixo lá, com saudade de verões que não posso entrar. Desconhecidas ocasiões que tenho fotos. Estou sem serviço a serviço de uma mão negra que segura as lâmpadas enquanto minha cabeça missa uma gripe nas ruas de calcanhares névoas. E me engano sabendo do que eu preciso. Um amanhecer sem sol diz que serei extinto. Queria esconder meu cadáver do expediente, ter nascido no ostracismo do luxo que água em total álcool. Meus olhos se *telham* amarelos com a liberdade inumana que inexistente e nos espiona indiferentes em sua superioridade, iluminando nossas velhices e carnes decompostas. As pessoas me cansam e minha solidão caçoa de mim. Me negando a vida ridícula que desgraça pássaros e coloca *fumacentos* motores de carros na tez graxa de sujeira fabricada.

4

Seiva silêncio língua serpenteio para umedecer *re-lógias* orelhas. Pelos *abelhas* me mantém acordado. Bada-lo meu bronze crânio, espírito que não se durma em razão. O ódio me lustra na certeza do que sinto em terra chama. Não há pena perdão de pernas velhas e raquíti-cas a sorrir fotografias ridículas. Não deixo apenas ossos, escondo-os em decomposição da composição de minha permuta com o mundo, seu som d'água, seu sufoco mer-gulho. Não amestro testemunho. Não quero um estacio-namento de palavras para se pegar qualquer cavalo. Não quero a etiqueta daqueles que produzem para que paguem por paz gado. Um destino de qualquer pedágio. Não te-nho o respiro vôo livre no céu sujo de *prédias* antenas. Conducentes tintas antiferrugens. As feridas metálicas e *escritórias* se *janelam* e postulam limpezas pisos químicos. A inércia te locomove. O sexo amizade burocráticos e a nova língua do eufemismo de ofensas nos *ovelham*. Sonho virtualidade sonho. Somente o bacio escorregão do suici-da abrigam flores. Só há vermelho na dor.

E o dilúvio de *mareciência* me pote porá a explicar. A única natureza convive com o mal e a morte, imunes a

passados de modas novas. Estão todos bem em seus calabouços de presunção, uma presunção sem presença. Uma *cachorro-quente* filosofia de um amor sem canto. Um doutor celebridade no lugar de pais ausentes. Engolem sem ar, seu pão doce, seu plástico leite. E a queda também é um vôo para quem precisa aprender a voar.



www.editorapenalux.com.br



lavimt@gmail.com



facebook /ucas.atomaz